

LINGUAGEM, EMOÇÕES E PERSUASÃO NO SERMÃO DE SEXAGÉSIMA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Ana Márcia Martins da Silva¹

A retórica é a propriedade da linguagem de trabalhar as emoções.
JCampos

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende, a partir do Sermão da Sexagésima, de Vieira, exemplificar a interface linguagem – cognição, arrolando conceitos e estudos que corroboram a teoria de que as emoções são o caminho escolhido pelo orador para seduzir a plateia.

“Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera, que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes... Eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas.” (Rousseau. Ensaio sobre a origem das línguas. *Apud* Chauí, 2000. p. 177)

Para os estudiosos da linguagem, o Padre Antônio Vieira é um prato cheio: nos sermões, encontramos a linguagem organizada para convencer o ouvinte, seduzindo-o a seguir os mandamentos da Igreja Católica. Essa organização passa pelo gerenciamento das emoções envolvidas na fé, as quais ele conhecia muito bem e das quais, intencionalmente, se valia para fazer chegar sua mensagem.

No entanto, Vieira não é original em sua retórica, pois busca as fórmulas apresentadas principalmente por Platão, Aristóteles e Santo Agostinho, o que não significa que ele deixe de ser genial. Segundo J Campos, a teoria é interessante quando dá interpretações brilhantes para conceitos já existentes. No Sermão da Sexagésima, em que Vieira determina como deve ser o sermão para que surta efeito no ouvinte, acreditamos encontrar semelhanças com figuras levantadas por Platão, em Fedro.

ESTADO DA ARTE

1. Em que consistem as emoções?

São estados psicológicos específicos de sentimentos como medo, alegria, angústia, euforia, etc.

Há divergências, no entanto, sobre quais seriam as emoções básicas. Ortony e Turner (1990) organizaram uma lista dessas emoções e dos teóricos que as discriminam.

Teórico	Emoções Básicas
Plutchik	Aceitação, raiva, antecipação, repugnância, alegria, medo, tristeza, surpresa
Arnold	Raiva, aversão, coragem, tristeza, desejo, desespero, medo, ódio, esperança, amor, tristeza
Ekman, Friesen, and Ellsworth	Raiva, repulsa, medo, alegria, tristeza, surpresa
Frijda	Felicidade, interesse, surpresa, admiração, tristeza
Gray	Raiva/cólera e terror, ansiedade, alegria
Izard	Raiva, desprezo, desgosto, angústia, medo, culpa, interesse, alegria, vergonha, surpresa

¹ Bolsista Pró-bolsa PUCRS. Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Trabalho apresentado à cadeira de Linguagem & Cognição, ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Campos.

James	Medo, dor, amor, raiva
McDougall	Raiva, repugnância, exaltação, o medo, a sujeição, concurso, emoção, admiração
Mowrer	Dor, prazer
Oatley and Johnson-Laird	Raiva, desgosto, ansiedade, felicidade, tristeza
Panksepp	Expectativa, medo, raiva, pânico
Tomkins	Raiva, interesse, desprezo, desgosto, angústia, medo, alegria, vergonha, surpresa
Watson	Medo, amor, raiva
Weiner and Graham	Felicidade, tristeza

Adaptado de: <http://changingminds.org/explanations/emotions/basic%20emotions.htm> .

Parrot (2001) descreve as emoções em graus, de primárias a terciárias, em que secundárias e terciárias são subdivisões das seis emoções primárias – amor, alegria, surpresa, raiva, tristeza e medo².

Primary emotion	Secondary emotion	Tertiary emotions
Love	Affection	Adoration, affection, love, fondness, liking, attraction, caring, tenderness, compassion, sentimentality
	Lust	Arousal, desire, lust, passion, infatuation
	Longing	Longing
Joy	Cheerfulness	Amusement, bliss, cheerfulness, gaiety, glee, jolliness, joviality, joy, delight, enjoyment, gladness, happiness, jubilation, elation, satisfaction, ecstasy, euphoria
	Zest	Enthusiasm, zeal, zest, excitement, thrill, exhilaration
	Contentment	Contentment, pleasure
	Pride	Pride, triumph
	Optimism	Eagerness, hope, optimism
	Enthrallment	Enthrallment, rapture
	Relief	Relief
Surprise	Surprise	Amazement, surprise, astonishment
Anger	Irritation	Aggravation, irritation, agitation, annoyance, grouchiness, grumpiness
	Exasperation	Exasperation, frustration
	Rage	Anger, rage, outrage, fury, wrath, hostility, ferocity, bitterness, hate, loathing, scorn, spite, vengefulness, dislike, resentment
	Disgust	Disgust, revulsion, contempt

² O quadro foi mantido em inglês porque a especificação de algumas emoções se perde na tradução.

	Envy	Envy, jealousy
	Torment	Torment
Sadness	Suffering	Agony, suffering, hurt, anguish
	Sadness	Depression, despair, hopelessness, gloom, glumness, sadness, unhappiness, grief, sorrow, woe, misery, melancholy
	Disappointment	Dismay, disappointment, displeasure
	Shame	Guilt, shame, regret, remorse
	Neglect	Alienation, isolation, neglect, loneliness, rejection, homesickness, defeat, dejection, insecurity, embarrassment, humiliation, insult
	Sympathy	Pity, sympathy
Fear	Horror	Alarm, shock, fear, fright, horror, terror, panic, hysteria, mortification
	Nervousness	Anxiety, nervousness, tenseness, uneasiness, apprehension, worry, distress, dread

Disponível em: <http://changingminds.org/explanations/emotions/basic%20emotions.htm> .

Assim, se somos capazes de reconhecer as emoções, podemos usá-las a nosso favor, modificando o mundo a nosso redor.

Os sociólogos Durkheim (1858-1917), Weber (1864-1920) e Marx (1818-1883) (consagrada "trilogia" das Ciências Sociais) não tinham como preocupação central as emoções, mas, para demonstrar como elas permeiam as organizações sociais, podemos destacar as "entrelinhas" das obras desses autores, discutidas por Silveira (2009), no artigo "**Sociologia das emoções Mais do que uma questão meramente biológica, as emoções podem ser analisadas sob o ponto de vista socioantropológico**".

"Durkheim, acusado (ou elogiado) de ser o "pai" do positivismo nas Ciências Sociais, escreveu textos e livros nos quais aborda uma "Sociologia do simbólico". Dentre eles está o relativamente pouco conhecido *As formas elementares da vida religiosa*, um dos últimos livros publicados. A leitura desse livro relativiza o rótulo de "pai do positivismo sociológico". Durkheim, ao analisar os rituais das tribos australianas (sua dinamo-genia), por meio de relatos de viajantes e missionários, coloca a emoção como parte indissociável da estrutura social. O ritual de celebração dos totens tribais teria como tarefa essencial perpetuar na memória dos homens a emoção original que os mobilizou e os fundou como sociedade. Em outras palavras, a emoção é resultante do estado de sociedade, condição sem a qual o homem não pode existir. Já no livro *O suicídio*, Durkheim apresenta os sentimentos, emoldurados por sua Sociologia, como fenômenos resultantes de processos sociais amplos de solidariedade e anomia, decorrentes da divisão social do trabalho.

Próximo a essa perspectiva "externalista" e estrutural, situa-se Karl Marx, para quem a individualidade psicológica e as emoções (raiva, inveja, ira) são frutos das relações de produção e das forças produtivas. As classes sociais e os conflitos decorrentes da guerra gerados entre as mesmas caracterizariam os sentimentos, determinados pela marcha histórica da "luta de classes".

Para Durkheim e Marx, o eu individual ou o self, não existem como expressão concreta, mas como expressão de estruturas e de coletividades abstratas.

Em Weber, o austero puritano, tipo ideal que emerge das páginas da *Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, é uma figura na qual o controle das emoções é o ápice de um processo psicossociológico. O senso de frugalidade e do dever está relacionado,

intimamente, à emoção e às formas de contê-la. O desfrute emocional será obtido, paradoxalmente, do esforço de autocontrole. Alguns irão dizer: "nada é mais prazeroso do que a sensação do dever cumprido". Isso é também uma forma emotiva.

Para Weber, a evolução das éticas religiosas que embasam as religiões mundiais resulta na multiplicidade de formas de explicação dos sofrimentos como o mal e a dor. Essas tentativas, chamadas de teodiceias, orientam as ações dos indivíduos. Por elas, é possível compreender, por exemplo, o porquê da serenidade de um budista diante da morte iminente, a sua extrema compaixão por qualquer forma de vida ou o orgulho triunfante do puritano ao trabalhar e buscar, na poupança e no seu reinvestimento em atividades "produtivas", respostas às suas angústias."

Disponível em: <http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/23/artigo133467-1.asp> . Acesso em: 02 jun. 2009.

E é exatamente o "ritual de celebração" e "a emoção e as formas de contê-la" do que Vieira trata no Sermão da Sexagésima, que será discutido na terceira parte deste trabalho.

2. Como as emoções são usadas para persuadir/seduzir?

A emoção não deve ser entendida como um objeto do mundo; não se pode acreditar que exista fisicamente. Emoção é o que se diz dentro da ciência que a descreve. Para a linguagem, emoções são palavras de emoções (J Campos – anotação de aula). E são essas palavras de emoções, ou seja, a linguagem, de que se utilizam aqueles que pretendem persuadir/seduzir, jogando com elas e por meio delas.

Platão, em Fedro, diz que a linguagem é um *phármakon*, palavra grega para "poção".

"E o rei replicou: "Incomparável mestre em artes, oh Theuth (O tekhnikótatú Theúth), uma coisa é o homem capaz de trazer à luz a fundação de uma arte, outra aquele que é capaz de apreciar o que esta arte comporta de prejuízo ou utilidade para os homens que deverão fazer uso dela. Neste momento, eis que em tua qualidade de pai dos caracteres da escrita (patér òn grammáton), atribuíste-lhes, por complacência para com eles, todo o contrário (tounatíon) de seus verdadeiros efeitos! Pois este conhecimento terá, como resultado, naqueles que o terão adquirido, tornar suas almas esquecidas uma vez que cessarão de exercer sua memória [...] Não é, pois, para a memória, mas para a rememoração que tu descobriste um remédio (oúkoun mnémes, allà hupomnéseos, phármakon heúres). (Fedro, 274 e 275b, *apud* Derrida, 1972, p. 126-127)"³.

Disponível em: <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=46>. *A industrialização da memória*. Acesso em: 07 jul. 2009.

Marilena Chauí, em Convite à Filosofia, cap. 5, indica que a "poção" apresenta três sentidos principais: remédio, veneno e cosmético.

"Ou seja, Platão considerava que a linguagem pode ser um medicamento ou um remédio para o conhecimento, pois, pelo diálogo e pela comunicação, conseguimos descobrir nossa ignorância e aprender com os outros. Pode, porém, ser um veneno quando, pela sedução das palavras, nos faz aceitar, fascinados, o que vimos ou lemos, sem que indaguemos se tais palavras são verdadeiras ou falsas. Enfim, a linguagem pode ser cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras. **A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento-sedução.**

Essa mesma idéia da linguagem como possibilidade de comunicação-conhecimento e de dissimulação-desconhecimento aparece na Bíblia judaico-cristã, no mito da Torre de Babel [Gn 11.1-9], quando Deus lançou a confusão entre os homens, fazendo com que perdessem a língua comum e passassem a falar línguas diferentes, que impediam uma obra em

³ Usei a citação da citação porque a versão traduzida que tenho substituiu a palavra "remédio" por "auxiliar", o que descaracteriza o texto de Platão.

comum, abrindo as portas para todos os desentendimentos e guerras. A pluralidade das línguas é explicada, na Escritura Sagrada, como punição porque os homens ousaram imaginar que poderiam construir uma torre que alcançasse o céu, isto é, ousaram imaginar que teriam um poder e um lugar semelhante ao da divindade. ‘Que sejam confundidos’, disse Deus.” (<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/convite.pdf>. p. 173 – grifos nossos)

Para exemplificar a força da linguagem, que é o ponto que pretendemos discutir neste trabalho, Chauí busca os mitos e as religiões.

“A palavra grega *mythos*, como já vimos, significa narrativa e, portanto, linguagem. Trata-se da palavra que narra a origem dos deuses, do mundo, dos homens, das técnicas (o fogo, a agricultura, a caça, a pesca, o artesanato, a guerra) e da vida do grupo social ou da comunidade. Pronunciados em momentos especiais – os momentos sagrados ou de relação com o sagrado -, os mitos são mais do que uma simples narrativa; são a maneira pela qual, através das palavras, os seres humanos organizam a realidade e a interpretam.

O mito tem o poder de fazer com que as coisas sejam tais como são ditas ou pronunciadas. O melhor exemplo dessa força criadora da palavra mítica encontra-se na abertura da Gênese, na Bíblia judaico-cristã, em que Deus cria o mundo do nada, apenas usando a linguagem: “E Deus disse: faça-se!”, e foi feito. Porque Ele disse, foi feito. A palavra divina é criadora.

Também vemos a força realizadora ou concretizadora da linguagem nas liturgias religiosas. Por exemplo, na missa cristã, o celebrante, pronunciando as palavras “Este é o meu corpo” e “Este é o meu sangue”, realiza o mistério da Eucaristia, isto é, a encarnação de Deus no pão e no vinho. Também nos rituais indígenas e africanos, os deuses e heróis comparecem e se reúnem aos mortais quando invocados pelas palavras corretas, pronunciadas pelo celebrante.

A linguagem tem, assim, um poder encantatório, isto é, uma capacidade para reunir o sagrado e o profano, trazer os deuses e as forças cósmicas para o meio do mundo, ou, como acontece com os místicos em oração, tem o poder de levar os humanos até o interior do sagrado. **Eis por que, em quase todas as religiões, existem profetas e oráculos, isto é, pessoas escolhidas pela divindade para transmitir mensagens divinas aos humanos.**” (p. 173-174 – grifos nossos)

Assim, essa linguagem *phármakon*, com todo o seu poder de sedução, vai ser o instrumento por meio do qual a retórica dos “profetas e oráculos” levará o ouvinte a tomar o caminho do “sagrado” transmitido por eles. Partem da máxima “Eu faço sentir, pensar e decidir”, como bem o descreve Platão no diálogo de Górgias com Sócrates.

“IV — Sócrates — Então, começemos. Já que te apresentas como entendido na arte da retórica e também como capaz de formar oradores: em que consiste particularmente a arte da retórica? Assim, por exemplo, a arte do tecelão se ocupa com o preparo das roupas, não é verdade?

(...)

Sócrates — Dizes bem. Então, responde-me da mesma forma a respeito da retórica: qual é o objeto particular do seu conhecimento?

Górgias — Os discursos.

(...)

Sócrates — Então, por que não dás o nome de retórica às outras artes, se todas elas se ocupam com discursos, e chamas à retórica arte dos discursos?

Górgias — É porque nas outras artes, Sócrates, todo o conhecimento, por assim dizer, diz respeito a trabalhos manuais ou a práticas do mesmo tipo, ao passo que a retórica nada tem que ver com a atividade das mãos, sendo alcançados por meio de discursos todos os seus atos e realizações. E por isso que eu considero a retórica arte do discurso, e com razão, segundo penso.

(...)

XI — Górgias — Quanto mais se soubesses tudo, Sócrates; a retórica, por assim dizer, abrange o conjunto das artes, que ela mantém sob sua autoridade. Vou apresentar-te uma prova eloqüente disso mesmo. Por várias vezes fui com meu irmão ou com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou a deixar-se amputar ou cauterizar; e, não conseguindo o médico persuadi-lo, eu o fazia com a ajuda exclusivamente da arte da retórica. Digo mais: se na cidade que quiseses, um médico e um orador se apresentarem a uma assembléia do povo ou a qualquer outra reunião para argumentar sobre qual dos dois deverá ser escolhido como médico, não contaria o médico com nenhuma probabilidade para ser eleito, vindo a sê-lo, se assim o desejasse, o que soubesse falar bem. E se a competição se desse com representantes de qualquer outra profissão, conseguiria fazer eleger-se o orador de preferência a qualquer outro, pois não há assunto sobre que ele não possa discorrer com maior força de persuasão diante do público do que qualquer profissional. Tal é a natureza e a força da arte da retórica! Contudo, Sócrates, a retórica precisa ser usada como as demais artes de competição; essas artes não devem ser empregadas indiferentemente contra toda a gente; (...) idênticos argumentos valem para a arte da retórica. É fora de dúvida que o orador é capaz de falar contra todos a respeito de qualquer assunto, conseguindo, por isso mesmo, convencer as multidões melhor do que qualquer pessoa, e, para dizer tudo, no assunto que bem lhe parecer. Porém não será por isso que ele irá privar o médico de sua fama — o que lhe seria possível — nem qualquer outro profissional. Pelo contrário, deverá usar a retórica com justiça, como qualquer outro gênero de combate. Se um indivíduo que se tornou orador vier a fazer mau uso da força e da habilidade, não é seu professor, quero crer, que deverá ser perseguido e expulso da cidade. O professor transmitiu seus conhecimentos para serem bem aplicados; foi o aluno que fez mau uso deles. Esse, por conseguinte, que os aplicou mal, é que merece ser perseguido, expulso ou morto, não o professor.” (Platão. *Górgias*, p. 4, 5 e 11. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>.)

Apesar de toda a eloqüência de Górgias, Sócrates não se convence sobre a “arte” da retórica, considerando-a muito mais como bajulação, concepção que perdurará como uma crítica da Filosofia à retórica.

Aldo Dinucci, no artigo “Platão entre a filosofia e a retórica”, traz à discussão o conflito entre filosofia e retórica.

Esse conflito entre retórica e filosofia se declara abertamente na filosofia de Platão, quando esse se coloca contra os sofistas, oradores por excelência, conflito que se repete em diferentes épocas e autores, como por exemplo, Kant, o qual afirma não ser a retórica digna de nenhuma estima na medida em que ela não passa de uma técnica para manipular as fraquezas humanas (Kant, *Crítica do Juízo*, par. 53). De fato, em geral, para a filosofia, a retórica é uma técnica de caráter imoral, que seduz através de recursos desonestos, levando os homens ao erro. Além disso, a retórica descarta a possibilidade de que o pensamento seja capaz de atingir o cerne da realidade: não busca a expressão da verdade, mas visa e se fixa sobre a aparência, o verossímil e o prazer. Por seduzir e não esclarecer, é constrangedora e tende a defender a tese do direito do mais forte e, conseqüentemente, os poderosos. Ela é inútil tanto para a educação quanto para a ciência.

As críticas da retórica à filosofia, por outro lado, são fundamentalmente as seguintes: via de regra a escrita filosófica é pobre, pois os filósofos desprezam o caráter estético do texto e, conseqüentemente, a obtenção de prazer através dele. Fixando-se sobre um suposto ser estável das coisas, colocam em segundo plano o poder e o papel das palavras em relação à existência humana. Separando o ser do dizer, a filosofia ignora que a linguagem é condição necessária para a filosofia e a ciência, afastando-se da realidade e isolando-se numa torre de marfim. Como conseqüência, a filosofia não compreende que educar é fundamentalmente ensinar a falar e dominar a linguagem, e que esta é a sua própria condição de possibilidade.

Assim, o conflito se estabelece ao redor da questão da função e do status da linguagem humana. Por um lado, a filosofia buscará sustentar a função significativa do discurso, quer

dizer, que as palavras se remetem mediamente às coisas significadas e que as coisas significadas assim o são em virtude de uma dimensão imóvel, imutável, objetiva, própria de todas as coisas, em virtude da qual as coisas são o que são, e através da qual o conhecimento objetivo da realidade é possível. **A linguagem, na filosofia, surge como um meio pelo qual tal conhecimento se torna comunicável, transmissível e ensinável. A retórica, por outro lado, valoriza sobretudo a função sedutora e persuasiva do discurso: a linguagem não se revela como meio pelo qual podemos significar uma suposta dimensão objetiva das coisas, dimensão esta que se opõe ao caráter mutável da realidade sensível; a linguagem, outrossim, se remete sempre a um panorama relativo e, em razão dessa relatividade (em última análise inexprimível pois não objetiva), ela se reveste de uma autonomia que consiste em constituir-se como coisa sensível ao lado de outras coisas sensíveis e, como essas, capaz de, de acordo com a configuração da ocasião na qual é proferida, afetar a alma humana de modo benéfico ou maléfico, de forma agradável ou desagradável, colaborando para a harmonia social ou para o seu contrário.** (p. 2 e 3. – grifos nossos)

Disponível em: www.posgrap.ufs.br/.../revistas/.../Arq_Art_PROMETEUS_01.pdf)

A RETÓRICA DE VIEIRA

O Padre Antônio Vieira pregava relacionando as situações cotidianas às Sagradas Escrituras. Utilizava-se, para isso, da estratégia de perguntas e respostas, estas últimas evadas de citações latinas e organizadas de forma a persuadir/seduzir os ouvintes.

No Sermão da Sexagésima, sua intenção é demonstrar como deve ser a pregação para que atinja o ouvinte. Manuel Neves, em “Uma leitura do Sermão da Sexagésima, de Padre Antônio Vieira”, classifica-o como um “meta-sermão”.

“O ‘Sermão da sexagésima ou do evangelho’ é um sermão especial entre os sermões de Vieira. Podemos chamá-lo de meta-sermão, ou seja, um sermão que discorre sobre o que é fazer um sermão. É nesta obra que se coloca em discussão a questão do cultismo [que Vieira diz abominar] e do conceptismo.”

(...)

Segundo o padre Antônio Vieira, o sermão verdadeiro é aquele que inquieta e perturba o ouvinte, levando-o ao arrependimento e ao amor de Deus, e não o que leva o ouvinte a se admirar do brilhantismo das palavras do pregador. (<http://manoelneves.com/tag/ufmq-2010/>)

O que nos interessa nesse meta-sermão é exatamente a parte em que Vieira discorre sobre o modo de fazer o sermão. Interessa a ele que o pregador siga um só assunto e uma só matéria para que o ouvinte não se perca em “uma mata brava”.

“Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto.” (<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html> . p. 6)

Observemos que Vieira apresenta, neste trecho, os passos a serem seguidos no discurso retórico: invenção, memória, elocução, disposição e ação. Para ilustrá-lo, compara o sermão a uma árvore.

“Essa maneira engenhosa de amarrar os lugares do discurso a partir daquilo que a arte retórica chama de *derivatio ad nauseam*, cujo objetivo é multiplicar os referentes mantendo

um único ponto de vista, já está devidamente exposta no Sermão da Sexagésima, quando o orador compara o sermão a uma árvore. Assim como a árvore, o sermão tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem varas, tem flores, tem frutos. Há de ter raízes fortes e sólidas, porque fundado no Evangelho. Há de ter um tronco, porque abrange um só assunto e trata de uma só matéria. Deste tronco não de sair diversos ramos, já que são diversos os discursos, mas todos nascidos da mesma matéria e continuações dela. Estes ramos não são de ser secos, mas cobertos de folhas, porque os discursos devem ser vestidos e ornados de palavras. Esta árvore também há de ter varas, que são a repreensão dos vícios. Há de ter flores, que são as sentenças. E por remate de tudo há de ter frutos, fim a que aspira todo o sermão.

É curioso notar como essa partição do sermão, inspirada na metáfora da árvore, coincide quase que literalmente com as clássicas partições da arte retórica, balizada pelos antigos: invenção, memória, elocução, disposição e ação. Invenção que é o tema, o motivo, a matéria de que tratará o sermão, sempre colhido no Evangelho. A memória é a faculdade que o orador mobilizará para fazer presente em sua oratória esses temas, geralmente associando os topoi aos lugares físicos da enunciação. Elocução, porque é aquela que diz respeito à estrutura e ao estilo da fala. Composição, porque discerne e organiza as partes menores da mesma: a fatura de suas frases, palavras, ordem, sentenças e vocábulos. E ação: aquilo que o sermão produzirá no fiel, mobilizando sua paixão em consonância com a paixão e o sacrifício de Cristo, dilatando e fortalecendo a fé e, com ela, o império.

Raiz, tronco, galhos, folhas e frutos. No caso do Sermão de Nossa Senhora do O a raiz é igualmente o Evangelho. O tronco é o círculo, eixo do discurso. Os ramos, as várias associações a que aquela figura geométrica é submetida: os O do desejo de Maria, o eterno caldeu e egípcio, a astronomia de Manílio, o ventre da virgem, Deus, o mundo, a aritmética, e por aí afora. As varas, as sentenças morais a respeito do rito da hóstia. As flores são as palavras e o fruto é a conseqüência final da pregação para o ouvinte ou o leitor. Entretanto, esse sermão tem uma peculiaridade, compartilhada com muitos outros sermões de Vieira, que é a de se ater especialmente ao tronco e seus desdobramentos, e neles mirar seu foco e atenção. Quando isso ocorre, notamos o interesse irrestrito de Vieira pela capacidade do delectare, de deleitar o ouvinte por meio de uma ornamentação frondosa, cuja função muitas vezes não vai além da celebração e da festividade, já que o sermão pertence ao gênero epidítico, aquele que visa mais o prazer do ouvinte do que a sua instrução. (Rodrigo Petronio. <http://www.revista.agulha.nom.br/ag56vieira.htm>)

O autor do excerto acima, apesar de identificar a inspiração retórica do sermão, ignora a intenção precípua de Vieira de induzir o ouvinte a professar a fé católica. E mais: Vieira está a criticar exatamente os discursos cuja função seja deleitar o ouvinte.

“Tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente, não só com os preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos, mas com a prática observada do príncipe dos oradores evangélicos, S. João Crisóstomo, de S. Basílio Magno, S. Bernardo. S. Cipriano, e com as famosíssimas orações de S. Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregório e muitos outros, se acham os Evangelhos apostilados com nomes de sermão e homilias, uma coisa é expor, e outra pregar; uma ensinar e outra persuadir, desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no mundo Santo António de Pádua e S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo que seja ainda esta a verdadeira causa que busco.” (<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html> . p. 6)

Araújo (2003) ressalta essa “necessidade” de “ensinar e persuadir”.

“Na medida das conveniências doutrinárias, Vieira usa desses três modelos aristotélicos. Da indução, para demonstrar mais facilmente aos ouvintes a natureza inelutável de seu discurso. Pela ilustração dos exemplos, tornando a demonstração muito mais fácil de penetrar na alma e no raciocínio do ouvinte. Ainda seguindo a cartilha peripatética, o padre

Vieira busca as demonstrações mais extravagantes, menos conhecidas e correntes, para transfigurá-las, torná-las factíveis à persuasão, posto que nessas o senso comum ainda não se estabeleceu. Por essa razão, quando toma um assunto, Vieira costuma refletir, ruminar, insistir, reiterar, recorrer, até esgotá-lo, tendo o cuidado constante de fechar todos os círculos e saídas para que seu ouvinte não consiga escapar ao aprofundamento espiritual que o conduza ao temor/amor de Deus, à obediência cega, à salvação do fogo dos infernos pelo alcance dos contrários do pecado. A persuasão assim resgata o ouvinte para os procedimentos de retidão, desprendimento material, caridade e amor.” (Jorge de Souza Araújo, UFBA. http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/2Sem_03.html)

Se o orador, no entanto, se perde numa “maravalha” de ramos apenas, não terá a árvore completa, ou seja, pregará “as palavras de Deus, mas não a Palavra de Deus”.

“Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramallete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, à que podemos chamar «árvore da vida», há-de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: Seminare semen. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.” (<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html> . p. 6)

Claro fica aqui o interesse de Vieira: o fruto do sermão, o Evangelho fazendo efeito no ouvinte. Carlos Ceia (2005), no E-Dicionário de termos literários, ressalta as características retóricas de Antônio Vieira.

“A argumentação não se confunde com a demonstração: enquanto esta não exige um auditório para ser concretizada ou construída, aquela depende dele para se concretizar plenamente. A argumentação é, por definição, diálogo de ideias entre dois sujeitos; a demonstração é, pelo contrário, um exercício racional monologado ou impessoal. No primeiro caso, prevalece uma relação entre um Eu e o Outro a quem se tenta influenciar de algum modo; no segundo caso, subsiste a relação de um Eu com as leis da lógica, sendo o próprio sujeito o primeiro a ter de ser convencido das teses a demonstrar (só em circunstâncias especiais a demonstração exige um auditório, como na defesa de uma tese acadêmica, por exemplo). Naturalmente, existem situações monodramáticas que não pressupõem a existência física de um destinatário da argumentação, conquanto um sujeito pode argumentar para si próprio, em qualquer processo de autognose. (A díade Eu/Outro não deixa, pelo menos em termos psicanalíticos, de se poder aplicar a esta situação do sujeito que argumenta sem auditório em vista, sendo o Outro aquela entidade abstracta que motiva a argumentação.) Na situação comum, quem argumenta deve ter um certo conhecimento do auditório a quem se dirige. Quanto maior for esse conhecimento maiores

serão as probabilidades de êxito das teses defendidas. O perfil do destinatário da argumentação tem de ser previamente estudado ou ponderado, já que as qualidades oratórias do arguente, por si só, não são suficientes, sobretudo se o discurso for entendido de forma autotética. Por esta razão, Aristóteles dedica o segundo livro da Retórica à caracterização do perfil do auditório na argumentação, segundo os critérios da idade, do nascimento, da fortuna e do poder. Toda a argumentação pressupõe, portanto, um ajustamento às características do seu destinatário último. Por exemplo, se o auditório for composto por pessoas com uma formação cultural e literária geral e não especializada, a melhor estratégia de comunicação será a de recorrer a lugares-comuns que possam ser reconhecidos por todos. O senso comum, nesta situação, é mais importante do que o alarde de erudição sem eco. As homilias públicas utilizam muito este tipo de estratégia, apelando a valores universais (o bem, a justiça, a liberdade, a fé,...) que todos facilmente aceitam em qualquer argumentação. Este foi o chamado “método português de pregar” do Padre António Vieira, que, seguindo a norma da época, desenvolvia a argumentação dos seus sermões recorrendo a “conceitos predicáveis”. Veja-se o clássico Sermão da Sexagésima (1655), que se inicia com um conceito predicável depois desenvolvido: Ecce exiit qui seminatur, seminare. Diz Cristo, que saiu o Pregador Evangélico a semear a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. (...)” (Sermões do Padre António Vieira, apes. de Margarida Vieira Mendes, Comunicação, Lisboa, 1982, p.127). **Esta é uma técnica de argumentação que pressupõe uma estética da recepção totalmente controlada pelo orador. Os argumentos utilizados e ilustrados com lugares-comuns bíblicos só têm eficácia porque é suposto que o auditório conheça e aceite pacificamente as verdades morais apresentadas pelo orador. Se para os mesmos valores, estivermos a falar para um auditório especializado, precisaremos de os definir com maior precisão e contextualizá-los na história do pensamento, eventualmente comentando os diferentes sentidos canonizados. Na situação de extrema exigência, disse-o alegoricamente Platão, uma argumentação filosófica deve ser capaz de convencer até os deuses.**” (<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/argumentacao.htm>. - grifos nossos)

Em se falando em Platão, lembremos que, na introdução deste trabalho, insinuamos que Vieira faz uso de uma figura apresentada por Platão em Fedro. Pois bem, essa figura é o açougueiro.

“No *Fedro*, Platão compara o dialético a um açougueiro (265e). Como muitas das comparações em Platão, a imagem não deixa de surpreender, mas pode-se compreendê-la muito bem. O dialético, ele escreve, conhece as articulações da realidade. No *Crátilo*, Sócrates falava de desembaraçar a realidade graças à linguagem. É exatamente o que faz o dialético em seu papel de açougueiro. Sob a superfície lisa da pele das bestas que ele corta em pedaços, sob essa superfície que não deixa ver nada do esqueleto, ou muito pouco, o açougueiro conhece as juntas e os tendões, a maneira pela qual o todo se mantém unido, como tal parte pode ser separada do todo da maneira mais limpa. Igualmente o filósofo: diante da superfície luminosa e impenetrável do mundo natural, ele manipula a linguagem para dizer como as coisas dependem umas das outras, quais são suas relações, como o todo se mantém unido. Graças a esse trabalho de corte do real pela linguagem, nossa percepção do mundo natural torna-se mais afiada. Por meio da percepção de um mundo humano, o da linguagem e o de suas significações que têm vida própria, o mundo natural recebe um sentido e manifesta sua lógica íntima.” (Benoit Castelnérac. ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/73_52.pdf)

Então, não seriam o açougueiro de Fedro e a árvore de Vieira variações sobre um mesmo tema?

“FEDRO:— Mas qual é o outro processo?

SÓCRATES: — **É saber separar novamente a ideia geral nos seus elementos, nas suas articulações naturais, sem todavia mutilar qualquer dos elementos primitivos, como**

faz um mau açougueiro. Os nossos dois discursos de há pouco apresentaram, primeiro, como vimos, uma ideia geral do delírio. A seguir, do mesmo modo que a unidade do nosso corpo abarca, sob o mesmo nome, os membros do lado esquerdo e do lado direito, também esses nossos discursos fizeram derivar dessa definição geral do delírio, duas noções distintas: uma que focalizou tudo que era errado e cumulou o amor infeliz de injúrias bem merecidas. Outra, que tomou o lado direito, certo, e foi ao encontro de um outro amor, que tem o mesmo nome, mas cujo princípio é divino, e que, cumulando-o de elogios, o apresentou como sendo a fonte dos maiores bens.” (Platão, *Fedro*. p. 107)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o caminho que percorremos neste trabalho, procuramos corroborar a Metateoria das Interfaces, já que analisamos a linguagem de um texto religioso-literário a partir de perspectivas filosóficas, sócio-antropológicas, cognitivas. Tal opção metodológica já prenuncia as interfaces, porque “a explicação não é propriedade das disciplinas”⁴. Se nos ativermos a apenas uma delas, estaremos “fadados ao fracasso”⁵. Além disso, levantamos uma questão que talvez ainda não tenha sido discutida: a comparação entre as figuras “açougueiro” e “árvore”, respectivamente criadas por Platão e por Vieira para exemplificar o tratamento que tem de ser dado aos discursos.

E, para terminar, o final do Sermão da Sexagésima.

“Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum.*” (<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>. p. 11)

REFERÊNCIAS

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo : Editora Martin Claret. 2007.
SITES indicados ao longo do texto.

ANEXO

ALGUNS LINKS INTERESSANTES

www.colour-journal.org/2007/1/.../07102article.htm

http://criticanarede.com/html/men_emotion.html

<http://phi673uw.files.wordpress.com/2007/01/naqvietal.pdf>

<http://www.cerebromente.org.br/n07/doencas/emotion.htm>

www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/21-roniealex.pdf

http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=8

[16](#)

⁴ J Campos.

⁵ Idem

[http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-](http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-6WEHSE/1/disserta_o_overs_o_agrupada_pdf.pdf)

[6WEHSE/1/disserta_o_overs_o_agrupada_pdf.pdf](http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-6WEHSE/1/disserta_o_overs_o_agrupada_pdf.pdf)

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-08.html>

<http://www.ceismael.com.br/oratoria/oratoria035.htm>

<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/plotinus/?q=node/688>

www.mouras.net/persuacao/persuacao_cne.pps

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.